

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****Sem factura não pague**

Fiquei boquiaberto. O incentivo para que os clientes pedissem factura era da autoria do dono do estabelecimento, não da autoridade tributária



**José António Moreira**

De há anos a esta parte, com alguma regularidade, temos sido destinatários de campanhas da Autoridade Tributária destinadas a incentivar-nos a pedir a emissão de factura em todas as transacções em que sejamos intervenientes. Pretendem tais campanhas combater a evasão fiscal por parte de prestadores de serviços ou fornecedores de bens que, quando não emitem o correspondente justificativo legal, ficam exonerados de repercutir as transacções na respectiva contabilidade e, por essa via, de entregarem ao Estado o IVA cobrado e o tributo em sede de IRC pelo lucro obtido.

Nunca se conhece o efeito concreto de tais campanhas, mas como elas se repetem de tempos a tempos, e de modo particular em períodos de aperto orçamental, presumo que cada uma delas está longe de ter o impacto pretendido e, sobretudo, efeitos duradouros sobre o comportamento cívico dos cidadãos. A evasão fiscal é, em parte, uma característica cultural, perpetuando-se no tempo.

Recentemente, na zona de restauração de um centro comercial em Bogotá, na Colômbia, encontrei, pendurado do teto, um colorido reclamo luminoso que, do lugar onde me encontrava sentado, se lia “Sin su factura no pague su consumo”. Admiti, desde logo, que o mesmo seria parte de uma campanha da autoridade tributária local, tendente a levar os clientes a pedir factura. Tendo em consideração que a evasão fiscal nesse país é muito alta, não fiquei particularmente surpreendido

Os empresários poderiam usar este tipo de sinalização como afirmação da respectiva honestidade fiscal

com o teor da mensagem, mas apenas com o modo como ela era veiculada.

Acabado o repasto, quando me levantei, tive oportunidade de constatar que apenas lera uma parte da mensagem. Consegui, então, ler a última linha desta, que era a “assinatura” do respectivo autor: “El Dueño” (O Dono). Fiquei boquiaberto. O incentivo para que os clientes pedissem factura – espalhado pelo recinto em muitos outros reclamos como o que referi – era da autoria do dono do estabelecimento, não da autoridade tributária.

Veja-se o contexto. A propriedade daquele recinto da alimentação é de uma única empresa, embora existam áreas diversas e autónomas de alimentação por ele espalhadas (“barraquinhas de petiscos”). Dado que há muitos empregados envolvidos, para poder controlar o negócio por via da contabilidade, o proprietário (“o dono”) tem de ter a certeza de que todas as transacções são registadas. Para isso pede a colaboração dos seus clientes. Talvez nem tenha pensado nas consequências fiscais da medida, mas o facto é que a sua original mensagem contribui, simultaneamente, para aumentar a eficiência do controlo interno do negócio e para a redução da evasão fiscal. Sorri com a originalidade da

medida.

Não pude deixar de pensar que os empresários portugueses, sem prejuízo de outros objectivos a atingir, poderiam usar este tipo de sinalização como afirmação da respectiva honestidade fiscal. Bastava que afixassem nos seus estabelecimentos um ou mais reclamos do tipo referido. Certamente melhorariam a imagem das suas empresas junto dos clientes, e do público em geral; provavelmente, a medida teria maior impacto no comportamento cívico dos cidadãos (clientes) do que as campanhas da Autoridade Tributária acima referidas.

É certo que poderiam sempre simplificar o processo e, simplesmente, dar instruções precisas aos seus funcionários para emitirem o justificativo legal para toda e qualquer transacção. Mas isso não teria o mesmo impacto em termos de imagem pública. Ora, num tempo em que a imagem é tudo... ou quase, aceita-se que o reclamo pudesse ser preferido.

*Escreve à sexta-feira*



Nunca se conhece o efeito concreto de tais campanhas

**iCORREIO****HÁBITOS DE LEITURA**

Há uns tempos que compro diariamente o *i*. Tem sido uma agradável surpresa a sua leitura. O jornal melhorou bastante, tanto na sua qualidade informativa como nas crónicas ou nos seus trabalhos de maior fôlego. Costumo ler também outro jornal que escapa à vulgaridade ou ao tipo muito próximo do tablóide. Todavia, o *i*, está a tornar-se indispensável para mim. Gosto, também, dos editoriais, que dão uma visão mais verdadeira do estado do país do que os de outros órgãos da comunicação social escrita.

Pena é que o nosso povo leia pouco, talvez até menos do que noutros tempos, ou que se perca em leituras de outros, que têm muita da forma e do conteúdo tablóide, tratando principalmente dos crimes e outras vulgaridades; e muito mal do que de importante, verdadeiramente, se passa no país. [...] O país e o que nele resta de democracia precisa de bons órgãos de informação para respirar. Uma visão jornalística que, mais ou menos de forma ínvia, se alinha no discurso simplista e falacioso de que “são todos iguais”, ou de que toda a política, sem excepção “é uma porca”, aprofunda o caminho para o abismo e contribui para tapar todas as saídas, democráticas, entenda-se. O jornal *i*, tem um comportamento contrário e por isso é merecedor destas minhas singelas linhas.

**FERNANDO ROCHA – CALDAS DA RAINHA**



As mensagens dos leitores devem ser enviadas para o seguinte endereço: [correio.leitores@ionline.pt](mailto:correio.leitores@ionline.pt)

**iCORRIGE****LUÍS NETO (ZENIT)**

O defeso central do Zenit é agenciado pela Team of Future e não pela Gestifute, como escrevemos por lapso na edição de ontem. Ao jogador e às agências visadas as nossas desculpas.

**ÁGUAS DE PORTUGAL**

Na edição de ontem referimos por lapso num artigo com o título “Tratolixo. 80 milhões desviados de projecto para pagar ordenados” que a Águas de Portugal era sócia da Tratolixo, embora não o seja. Pelo erro pedimos desculpa aos visados e aos leitores.